

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Dia Class.: 34
Data 12.02.90 Pg.: _____

FERNANDO GABEIRA

1910

Descobrimdo o Brasil no mundo

QUANDO o Príncipe Charles disse que no Brasil está acontecendo um medonho genocídio, a comitiva de Collor ficou um pouco irritada. É um reflexo um pouco parecido com o de Sarney e sua equipe. Estão falando mal do Brasil, estão sendo injustos conosco. Mas a verdade é que se comete de fato um genocídio contra os índios ianomami nesse momento, e não se pode esperar nem de um príncipe que fique rebuscando as palavras para relatar uma verdade nua e crua.

Collor fez seu vestibular de presidente. Descobriu nessa primeira viagem coisas que a campanha eleitoral no Brasil não deixava aparecer: o desgaste da imagem de nosso País e a importância da questão ecológica para os países mais avançados do Planeta.

Diante desta constatação, há um longo caminho pela frente. Um deles é o de questionar o pagamento da dívida externa, como o próprio Príncipe Charles defende. O outro é superar o tipo de ressentimento que o Governo Sarney demonstrou quando se sentiu acuado pelo resto do mundo.

Naturalmente que o Brasil não é o vilão do mundo. Os países desenvolvidos são responsáveis pela destruição do Planeta e isso nós dizemos lá fora para não importar que tipo de platéia. O que não é possível é denunciar os países avançados e, simultaneamente, dizer que somos inocentes das acusações que se desdobram na imprensa européia e americana. Uma das causas de nosso desastre ambiental é a dívida externa que nos força a um modelo de exportação bastante louco. Por que não dizer isso? Por que querer pagar a dívida externa bonitinho e ainda por cima afirmar que não há destruição da Amazônia? Isso significa ser conservador em termos nacionais e internacionais.

Meus dedos já estão calejados de bater artigos dizendo que a Amazônia pode ser um ponto vital nas nossas relações externas. Collor, que teve o apoio da UDR e de Amazonino Mendes, vai viver uma situação complicada. Dentro do País, seus aliados são predadores convictos do meio ambiente; a opinião pública mundial exige que ele assuma suas responsabilidades no combate à destruição.

Muito possivelmente vai tentar o caminho da ambigüidade. Dizer uma coisa lá fora, fazer outra coisa aqui dentro. Mas é uma ilusão achar que os estrangeiros são otários e que não percebem essa ambigüidade. Assim como é uma ilusão viajar num jatinho cedido pelo grupo Ferruzzi e receber uma delegação do movimento ecologista Amigos da Terra, na Itália. São interesses conflitantes, visões antagônicas da Amazônia.

Às vezes o próprio Sarney acha que essas afirmações que fazemos são tese de opositores, querendo isolar o Governo. No entanto, se se desfizessem um pouco do preconceito a respeito de quem fala, um opositor convicto de seus Governos, os dois Presidentes do Brasil talvez compreendessem algumas realidades singelas, sem as quais é até meio patético querer governar o Brasil nesse fim de século. O mundo mudou. A questão ecológica será o centro de nossas relações externas; os índios que vivem no Brasil estabeleceram vínculos internacionais por cima das arrogantes cabeças brancas e o tema não é mais exclusivo de nossa intimidade nacional: é uma questão tão importante como foi a do apartheid na África do Sul. Por falar nisso, no momento em que os africanos brancos começam a se abrir, não vamos nos candidatar ao trono de País mais estigmatizado do mundo. Ainda é tempo de virar. Tenho um pouco de medo apenas da dificuldade que os núcleos dirigentes têm de encarar as críticas mundiais não como uma referência para mudar, mas como uma ofensa ao orgulho nacional. Sair dessa é questão de vida ou morte para nossa diplomacia.